

250



REGIÃO
DEMARCADA
DO DOURO
1756•2006

ROSTOS DO DOURO

GRACINDA MARQUES

GRACINDA MARQUES — ROSTOS DO DOURO

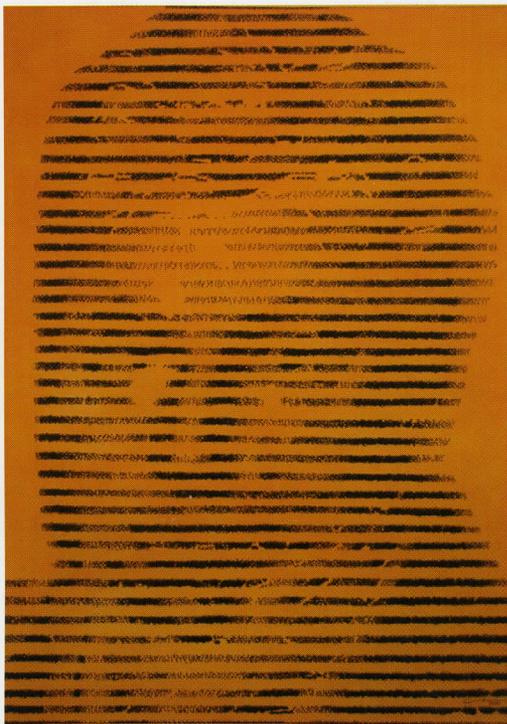
Rostos definidos nas linhas da paisagem vinhateira. Cada um deles traduz a mesma relação intemporal entre o homem e a natureza que marca grande parte da obra de Gracinda Marques. Nesta exposição, criada para celebrar os 250 anos do Douro, a pintora quis evocar algumas das personalidades que se destacaram na história da Região Demarcada. Escritores, estudiosos, políticos, viticultores e negociantes, todos eles deixaram uma parte da sua vida e da sua obra estreitamente ligada à terra duriense. Muitos nasceram aqui (António Girão, Júlio Pimentel, D. Antónia, Joaquim Pinheiro de Azevedo, Guerra Junqueiro, Torcato de Magalhães, Antão de Carvalho, Pina de Morais, Miguel Torga ou João de Araújo Correia). Outros viveram no Douro ou conheceram a região em diferentes fases da sua vida (Agostinho da Silva, na meninice; Forrester, Álvaro Moreira da Fonseca, Manuel Mendes e José António Rosas, já adultos). Uns e outros envolveram-se, de diversas formas mas com a mesma paixão, na defesa do Douro. Certamente, a escolha destes nomes, como qualquer escolha, é discutível. Na galeria de figuras ilustres da história da região, poderiam ombrear muitos outras personalidades, homens e mulheres, que ganharam notoriedade, ao longo destes 250 anos, na construção do Douro Vinhateiro, na sua defesa e afirmação nacional e internacional, no plano literário, político ou económico. Esse é, precisamente, o sentido desta exposição de Gracinda Marques: descobrir na paisagem alguns dos rostos que representam a terra duriense, que dela emergiram ou nela investiram o corpo e a alma, associando memória e identidade...

Peso da Régua, Agosto de 2006
Gaspar Martins Pereira

ROSTOS DO DOURO

Celebramos aqui, neste momento da história, todos os construtores do Douro. Nas texturas da vinha e com as cores do vinho trago à superfície do tempo a memória de rostos esquecidos. Os contemporâneos não vêem a grandeza nem o sentido da obra. É sempre necessário afastamento. Duzentos e cinquenta anos são o momento exacto para chamar a atenção do mundo para o desmedido sítio geográfico e para o néctar de todas as celebrações. Este vinho é tão vasto como a espécie humana. Serve para celebrar todos os grandes momentos, em todos os lugares, desde o Tibete ao Sara, de Moscovo a Buenos Aires... Erguer o cálice e saudar tudo o que nos deslimita e faz felizes.

Gracinda Marques

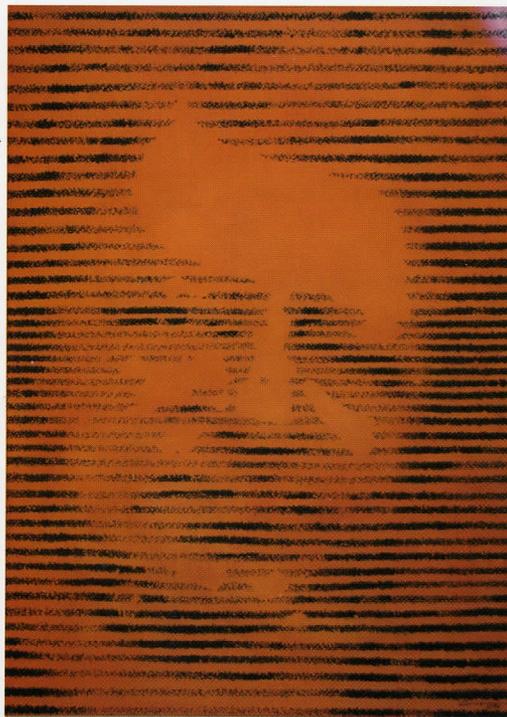


António Lobo Barbosa Ferreira Teixeira Girão, 1º Visconde de Vilarinho de S. Romão (1785-1863), 2006.

Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.

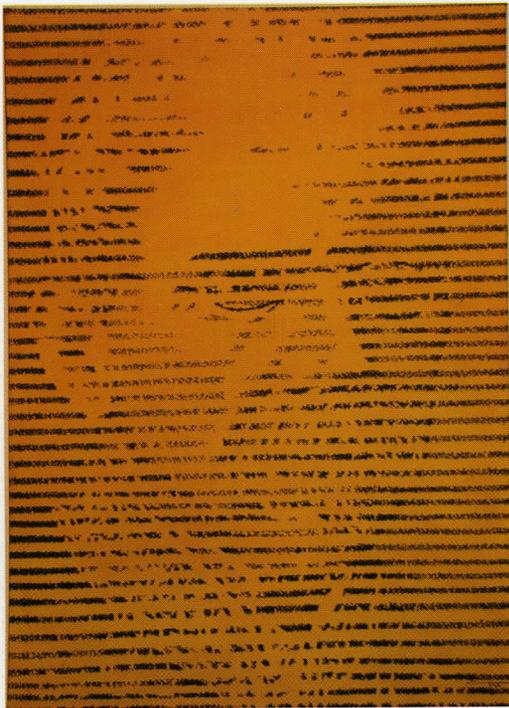
ANTÓNIO LOBO BARBOSA FERREIRA TEIXEIRA GIRÃO, 1º VISCONDE DE VILARINHO DE S. ROMÃO. Nasceu em Vilarinho de S. Romão, concelho de Sabrosa, em 1785, e faleceu em Lisboa, em 1863. Abastado proprietário duriense, assumiu grande protagonismo no período de instauração do liberalismo. Em 1820, foi eleito deputado por Trás-os-Montes às Cortes Constituintes, destacando-se como um dos mais brilhantes tribunos da ala radical. Seria reeleito deputado às Cortes ordinárias, em 1822, pelos círculos de Vila Real e Bragança. Perseguido pelo miguelismo, foi nomeado prefeito de Trás-os-Montes e da Estremadura, e Par do Reino, em 1834, após a vitória liberal. Até 1846, participou activamente em diversas comissões da Câmara dos Pares. Muito culto e empenhado na introdução de novidades técnicas, foi um académico de grande prestígio. Além de sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, foi um dos fundadores, em 1822, da Sociedade Promotora da Indústria Nacional. Entre as diversas obras que publicou destacam-se o *Tratado Teórico e Prático da Agricultura das Vinhas, da Extração do Mosto, Bondade e Conservação dos Vinhos e da Destilação das Aguardentes* (1822), a *Memória Histórica e Analítica da Companhia dos Vinhos, denominada da Agricultura das Vinhas do Alto Douro* (1833), a *Memória sobre os Pesos e Medidas de Portugal* (1833) e *Histórias de Meninos para quem não for Criança* (1834).

JOSEPH JAMES FORRESTER, **BARÃO DE FORRESTER**. Nasceu em Hull, no condado de York, em 1809, e faleceu afogado no Rio Douro, no Cachão da Valeira, em 1861. Veio trabalhar para o Porto, em 1831, com o tio James Forrester, sócio da firma Offley, Forrester & Webber. Foi dos primeiros exportadores a perceber a importância da viticultura para a produção de vinhos de elevada qualidade. Comprou e arrendou vinhas no Douro, dirigindo directamente a produção. Assinou mesmo alguns dos seus artigos como «Um lavrador do Douro». Escreveu inúmeros artigos e livros sobre a produção e comércio dos vinhos, as doenças da videira, os azeites, etc. Poucos homens conheceram tão bem o Douro como Forrester, deixando belíssimos registos cartográficos, nomeadamente o *Douro Português e País Adjacente* (1848) e o *Mapa do País Vinhateiro do Alto Douro* (1852). Os seus mapas valeram-lhe diversos prémios, condecorações e o reconhecimento de Academias. Em 1855, D. Fernando II outorgou-lhe o título de Barão de Forrester. Empreendedor e inconformista, não se cansou de fazer projectos e propostas sobre a navegabilidade do Douro, sobre a construção de um porto em Leixões, sobre o desenvolvimento da produção e do comércio dos vinhos do Douro. Foi ainda um dos pioneiros da fotografia em Portugal. Sobre ele escreveu Ramalho Ortigão: «Creio que o Douro seria feliz, se, em vez de eleger de quatro em quatro anos um deputado às Cortes, ele pudesse de vinte em vinte anos nomear para a sua região um simples proprietário como este».



Joseph James Forrester, *Barão de Forrester* (1809-1861), 2006.

Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.

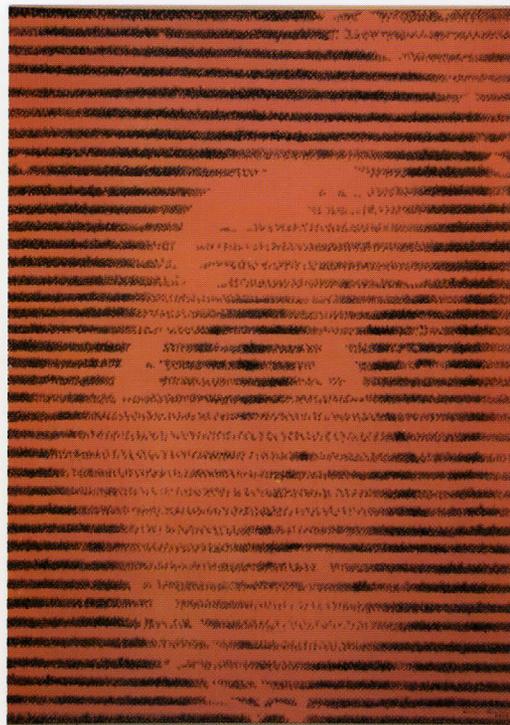


Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, *2º Visconde de Vila Maior* (1809-1884), 2006.

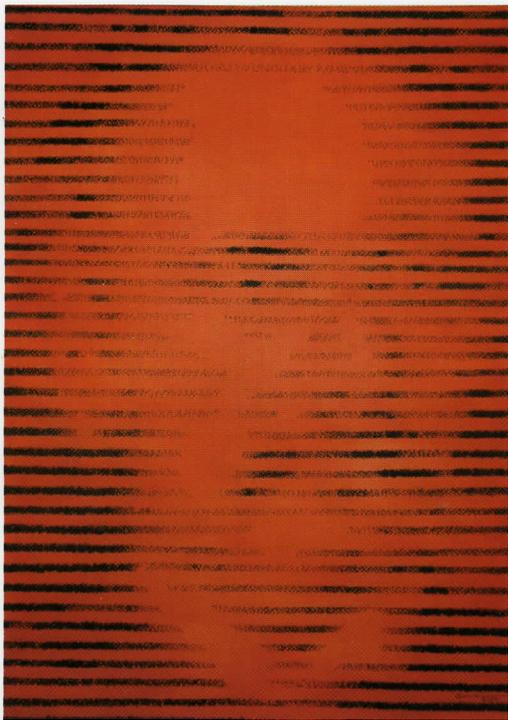
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.

JÚLIO MÁXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL, 2º VISCONDE DE VILA MAIOR. Nasceu em Moncorvo, em 1809, e faleceu em Coimbra, em 1884. Nascido numa família liberal e fidalga de Moncorvo, Júlio Pimentel participou na Guerra Civil, integrando o Batalhão Académico, ao lado das tropas de D. Pedro, no cenário do cerco do Porto, tendo ficado gravemente ferido na defesa da Serra do Pilar. Formado em Matemática e Filosofia, pela Universidade de Coimbra, acabaria por se especializar na área da Química, em Paris. Além do enorme prestígio académico de que gozava (foi Reitor da Universidade de Coimbra entre 1869 e 1884), desenvolveu uma actividade científica e literária de vulto, dispersa por vários domínios, em que sobressaem os estudos sobre vitivinicultura, águas minerais, higiene pública, instrução e aplicações industriais. Desempenhou, ainda, inúmeros cargos públicos. Foi Director do Instituto Agrícola desde 1857 a 1869. Foi deputado em várias legislaturas, vereador e presidente da Câmara Municipal de Lisboa (1858-1860). Representou Portugal em inúmeras missões de estudo e em diversas Exposições Internacionais. Desde o momento em que se declarou a invasão da filoxera no Douro, foi chamado a presidir a diversas Comissões de estudo. Antes de falecer, tinha em suas mãos a elaboração do projecto de Reforma da Instrução Pública, tendo visitado com esse objectivo muitos estabelecimentos de ensino no estrangeiro. Desde 1862, tomou assento na Câmara dos Pares. Deixou uma vasta obra publicada, parte dela dedicada ao Douro, em que se destaca o magnífico álbum *O Douro Ilustrado* (1876).

ANTÓNIA ADELAIDE FERREIRA. Nasceu na Régua, em 1811, e faleceu na sua Quinta de Nogueiras, em Loureiro, concelho da Régua, em 1896. Nascida numa família de comerciantes da Régua, ligada ao negócio de vinhos do Porto, Antónia Ferreira, conhecida por «Ferreirinha», tornou-se uma das mais ricas proprietárias vinhateiras do Douro do século XIX. Casada com o primo António Bernardo, revolucionário e investidor talentoso, enviuvou aos 33 anos, concentrando já então uma importante fortuna e quintas de renome, como Valado, Vesúvio, etc. Desde muito nova, interessou-se pelos trabalhos da vinha e pelos vinhos. Apesar de riquíssima, proprietária de palácios no Porto e em Lisboa, resistia a deixar o Douro. Solidária e generosa, preocupava-se com a sorte dos mais pobres, sobretudo em épocas de crise, como as do oídio e da filoxera, mandando distribuir trabalho e contribuindo para inúmeras obras de caridade. Casada, em segundas núpcias, em 1856, com Francisco José da Silva Torres, que viria a tornar-se Par do Reino e líder regional do Partido Regenerador, D. Antónia afirmou-se então como uma grande empresária de vinhos do Douro, investindo no alargamento e na modernização das suas propriedades, apostando na qualidade dos seus vinhos.



Antónia Adelaide Ferreira (1811-1896), 2006.
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.

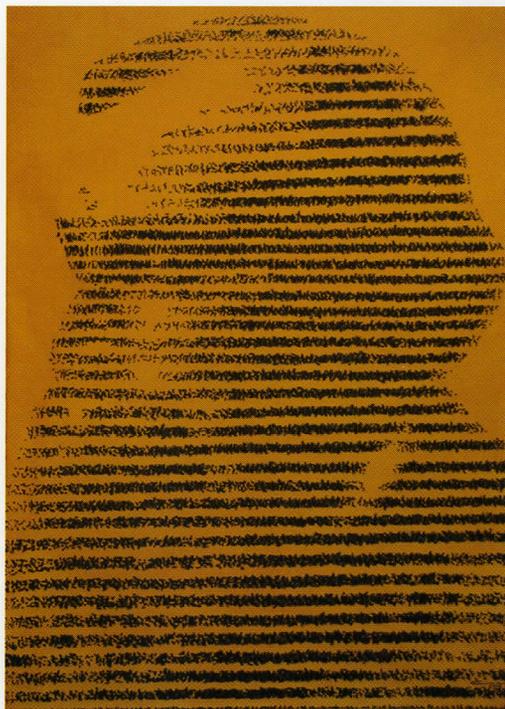


Joaquim Pinheiro de Azevedo Leite Pereira
(1829-1918), 2006.

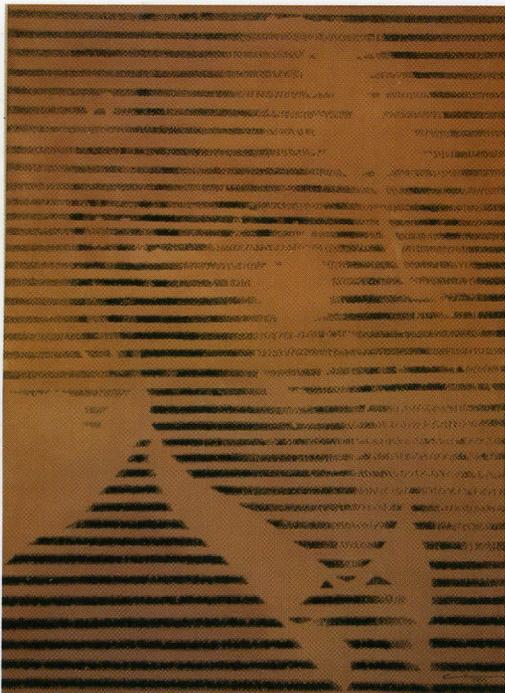
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.

JOAQUIM PINHEIRO DE AZEVEDO LEITE PEREIRA. Nasceu em Provesende, concelho de Sabrosa, em 1829, e faleceu em 1918. Homem de múltiplos talentos e de grande cultura, licenciou-se em Direito pela Universidade Coimbra, mas, como proprietário duriense, acabaria por se dedicar aos problemas agrícolas, ao estudo da enologia e da viticultura, tendo aberto em Provesende uma escola de vitivinicultura, que permitiu divulgar muitos conhecimentos de Patologia Vegetal, a par de novas técnicas de enxertia e poda das videiras. Pelos seus estudos e pelas primeiras experiências com enxertia de cepas americanas, que desenvolveu, com sucesso, desde 1876, na sua Quinta de Vale de Figueiras, em Covas do Douro, o seu nome ficou ligado ao combate contra a filoxera. Profundo conhecedor dos estudos mais avançados da agronomia francesa da época, Leite Pereira pesquisou, fez experimentação e publicou diversos ensaios, muito contribuindo para a introdução da enxertia de castas nacionais sobre bacelos americanos, método que viria a revelar-se como o único capaz de salvar a viticultura e os vinhos europeus.

ABÍLIO MANUEL GUERRA JUNQUEIRO. Nasceu em Freixo de Espada à Cinta, em 1850, e faleceu em Lisboa, em 1923. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, distinguiu-se, desde jovem, como poeta e escritor. Desempenhou diversas funções públicas e assumiu cargos políticos de relevo. Entre 1879 e 1890, foi, várias vezes, eleito deputado pelo Partido Progressista. Na sequência do Ultimatum inglês de Janeiro de 1890, viria a distanciar-se das posições do seu partido, aproximando-se do ideário republicano. Entre as suas obras, merecem destaque *A Morte de D. João* (1874), *A Velhice do Padre Eterno* (1885), *Finis Patriae* (1891), *Os Simples* (1892), *A Pátria* (1896). Após a implantação da República, foi nomeado embaixador em Berna. O exercício de funções públicas e políticas, bem como a participação nos círculos literários de Lisboa e Porto, não o impediam de regressar, frequentemente, à sua terra-natal e, particularmente, à sua Quinta da Batoca, em frente a Barca de Alva.



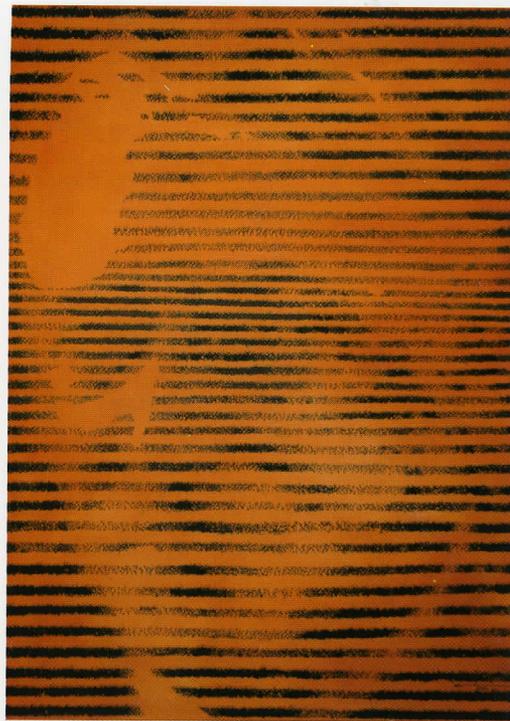
Abílio de Guerra Junqueiro (1850-1923), 2006.
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.



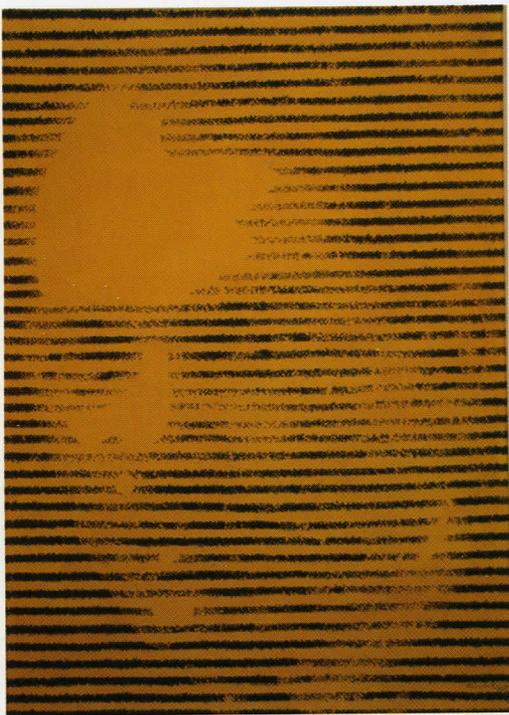
Torcato Luís de Magalhães (1856-1929), 2006.
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.

TORCATO LUÍS DE MAGALHÃES. Nasceu em **Alijó**, em 1856, e faleceu em Paradelinha, freguesia de Vilarinho de S. Romão, concelho de Sabrosa, em 1929. Viticultor, farmacêutico e político, presidiu à Câmara de Alijó, desde 1903 e durante vários anos, no final da Monarquia e na I República. Membro do Partido Regenerador, da linha de Teixeira de Sousa, seu amigo pessoal, acabaria por aderir, na I República, ao Partido Democrático, tal como muitos «teixeiristas», tendo sido Senador em 1919-1921. No início do século XX, desenvolveu uma actividade notável em prol do desenvolvimento do seu concelho e da região do Douro. Foi um dos fundadores do Sindicato Agrícola de Alijó. A ele se devem muitos melhoramentos realizados na vila de Alijó, nomeadamente a criação do Hospital, de que foi Director. Foi uma das mais destacadas personalidades do «movimento dos paladinos do Douro», batendo-se pela difusão do associativismo vitícola e pela valorização da região e dos seus vinhos, contra as fraudes e contrafacções, defendendo a acção conjugada da produção e do comércio para a resolução dos problemas regionais e do sector do vinho do Porto. Em 1914-1915, liderou a «missão de Alijó», na luta contra as determinações do Tratado luso-britânico de 1914 que previa que qualquer vinho oriundo de Portugal poderia ser reconhecido em Inglaterra sob a denominação de «vinho do Porto». Em 1928, integrou, com Antão de Carvalho e Júlio Vasques, a Junta de Defesa do Douro.

ANTÃO FERNANDES DE CARVALHO. Nasceu em Poiares, concelho da Régua, em 1871, e faleceu na Régua, em 1948. Advogado, viticultor e político, foi membro do Partido Republicano Português, desde os tempos de estudante em Coimbra. Foi candidato a deputado pela Régua, em 1900, e pelo Porto, desde 1901 até ao final da Monarquia. Foi presidente da Comissão Republicana da Régua e desempenhou, durante vários anos, o cargo de presidente da Câmara. Em 1910, recusou o lugar de Governador Civil do Distrito de Viana do Castelo, para que foi convidado pelo novo governo republicano, por não querer abandonar os cargos que exercia na região do Douro. Em 1911, foi eleito deputado às Constituintes, pelo círculo de Vila Real, tendo atingido, ainda nesse ano, o lugar de Senador. Voltaria a ser eleito deputado em 1919. Exerceu diversas funções governativas, tendo sido Ministro da Agricultura, em 1921. Foi presidente da Comissão de Viticultura Duriense e da Junta de Defesa do Douro, distinguindo-se como uma das personalidades mais carismáticas do «movimento dos paladinos do Douro». É lhe atribuída a redacção de grande parte do texto do projecto de criação da Casa do Douro, em Agosto de 1932. No entanto, o decreto-lei do governo de Salazar que instituiu a Casa do Douro, em Novembro desse ano, alterou, substancialmente, os princípios associativos do projecto de Antão de Carvalho. Mesmo assim, nos primeiros anos de vida da Casa do Douro, Antão de Carvalho desempenhou um papel activo na vida da nova instituição, sendo presidente do Conselho Fiscal e membro da Câmara Sindical. Preso em 1935, por ordem do presidente da Casa do Douro, e perseguido pelo regime salazarista, por pertencer à Maçonaria e defender ideais democráticos, viu-se afastado da vida associativa nos seus últimos anos de vida.



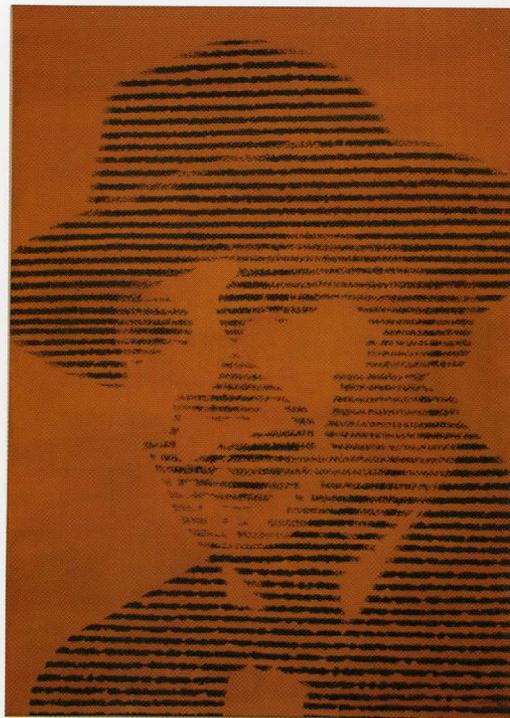
Antão Fernandes de Carvalho (1871-1948), 2006.
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.



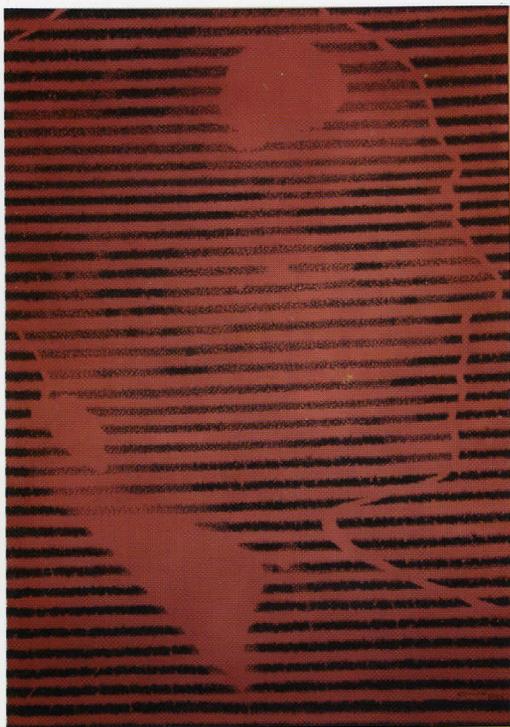
João Pina de Moraes Júnior (1889-1953), 2006.
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.

JOÃO PINA DE MORAIS JÚNIOR. Nasceu em Valdigem, concelho de Lamego, em 1889, e faleceu no Porto, em 1953. Seguiu a carreira militar, tendo alcançado o posto de capitão do Exército. Participou no Corpo Expedicionário Português, que combateu na Flandres, na I Guerra Mundial, em 1917-1918. Escritor, membro da «Renasça Portuguesa», deixou uma vasta obra dispersa em artigos de imprensa, bem como alguns livros notáveis, entre os quais *Ao Parapeito* (1919), *Soldado Saudade* (1921), *Sangue Plebeu* (1942) e *Vidas e Sombras* (1949). Foi eleito deputado em 1922 e 1925, pelo círculo do Porto. Depois do golpe militar de 28 de Maio de 1926, foi demitido do exército, tendo participado na revolta do Porto de 3 de Fevereiro de 1927 contra a ditadura militar. Desde então, esteve exilado vários anos em Espanha, em França e no Brasil. Integrou a «Liga de Paris», formada por oposicionistas republicanos exilados. Depois de regressar a Portugal, retomou a actividade jornalística, passando largas temporadas no Douro.

JOÃO DE ARAÚJO CORREIA. Nasceu em Canelas, concelho da Régua, em 1899, e faleceu na Régua, em 1985). Médico e escritor, considerado um dos maiores contistas portugueses, deixou uma vasta obra, marcada por grande rigor literário, a partir de histórias de vida quotidiana da sua comunidade, numa simbólica forma de homenagem ao povo rural a que se dizia pertencer. Os contos de João de Araújo Correia são verdadeiros retratos do Douro. A sua simplicidade narrativa dá-nos a conhecer gentes e lugares, com tal riqueza e rigor que transmitem uma sensação vivencial de grande humanismo. O seu talento literário revelou-se, além do conto, em diversos outros géneros, desde a crónica à novela e ao ensaio, em grande parte dispersa por jornais e revistas, a que prestou uma vasta colaboração. Cultor exímio da língua portuguesa, foi considerado por Aquilino Ribeiro como «o mestre de nós todos». Na sua vasta obra, poderiam destacar-se *Sem Método* (1938), *Contos Bárbaros* (1939), *Terra Ingrata* (1946), *Caminho de Consortes* (1954), *Folhas de Xisto* (1959), *Tempo Revolvido* (1974), entre muitos outros livros.



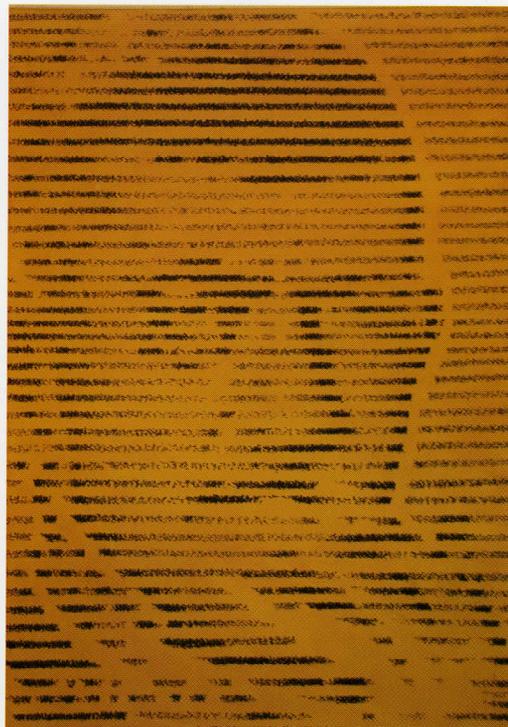
João de Araújo Correia (1899-1985), 2006.
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.



Álvaro Baltasar *Moreira da Fonseca* (1902-1980),
2006.
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.

ÁLVARO BALTASAR MOREIRA DA FONSECA. Nasceu no Porto, em 1902, e faleceu em 1980. Embora tivesse nascido no Porto, foi em Lamego, terra de origem da sua família paterna, que viveu grande parte da infância e da juventude, até aos 18 anos. Engenheiro agrónomo, desempenhou, desde 1935, importantes funções no Instituto do Vinho do Porto e representou Portugal em diversos congressos e assembleias do OIV - Office International du Vin. Entre 1946 e 1949, presidiu à Casa do Douro. Técnico de reconhecida competência, concebeu e desenvolveu o «método da pontuação» para distribuição do benefício na região duriense. Preocupou-se sempre com a difusão dos conhecimentos técnicos entre os pequenos viticultores e os trabalhadores rurais, defendendo a criação de uma escola prática de viticultura. Dedicou grande parte da sua vida ao estudo da dimensão histórico-cultural da vitivinicultura duriense, deixando uma vasta obra de investigação, destacando-se *As Demarcações Pombalinas no Douro Vinhateiro* (3 vol., 1949-1951), *A ideação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro* (1955-1956), *O vinho do Porto na época dos Almadás*, (1957), entre muitos outros títulos. Proprietário da Quinta das Lages, em Sarzedinho, conhecia o Douro como poucos, tendo palmilhado a região de lés a lés, quer por força das funções que exercia no IVP quer pela curiosidade histórica, que o levou a tentar localizar, ao longo de anos, os lugares referidos nos documentos setecentistas das demarcações do Douro. A ele se deve a localização e a salvaguarda dos marcos pombalinos então ainda existentes.

MANUEL JOÃO MENDES. Nasceu em Lisboa, em 1906, e faleceu em 1969. Conheceu o Douro, tardiamente, pela mão de amigos democratas que aqui tinha e aqui ganhou nas últimas décadas da sua vida (Eduardo Santos Silva, Luís Roseira, Francisco Teles, entre outros). Homem de letras, profundamente empenhado na transformação democrática do regime político de então, deixou uma obra imbuída de humanismo. As crónicas que escreveu entre 1961 e 1963 sobre a região, reunidas no livro *Roteiro Sentimental — Douro*, com edições rapidamente esgotadas em 1964 e 1967, constituem um dos mais belos e sérios roteiros da região. O deslumbramento pela monumentalidade da paisagem não o fez esquecer os actores de carne e osso, desde os pedreiros construtores dos muros de xisto dos socalcos das vinhas até aos últimos marinheiros do rio. No seu roteiro escreveu: «O Douro merece mais — merece tudo. Rincão admirável da fragueira terra portuguesa, é ao mesmo tempo um vivo frémito da sua alma. As proporções da montanha e a estatura do homem dessas bandas não se contemplam a frio, obrigam por força a cismar. Pouco tenho conhecido de tanta e tão impressionante grandeza».



Manuel João Mendes (1906-1969), 2006.
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.

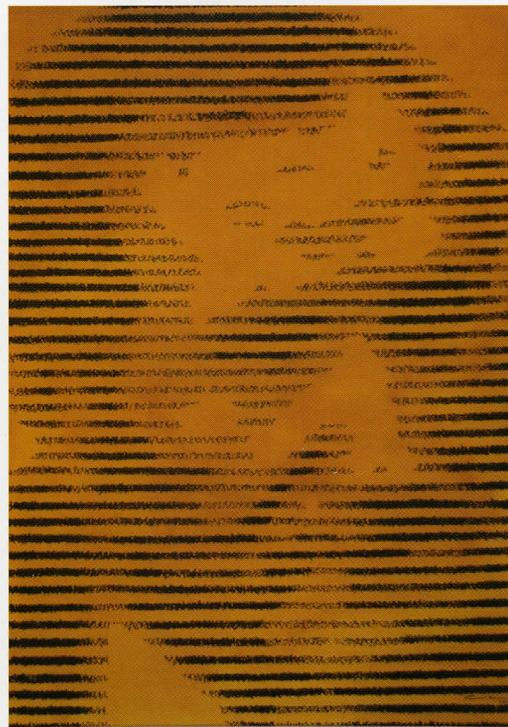


George *Agostinho* Baptista da *Silva* (1906-1994),
2006.
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.

GEORGE AGOSTINHO BAPTISTA DA SILVA. Nasceu no Porto, em 1906, e faleceu em Lisboa, em 1994. Passou a infância em Barca de Alva, o que o levou a considerar-se, até ao fim da vida, «cidadão de Barca de Alva». Filósofo eminente, professor e literato, espírito livre e inconformista, Agostinho da Silva foi um dos grandes pensadores e pedagogos portugueses do século XX, defendendo a superior vocação da cultura lusófona, para a constituição de uma comunidade de espírito fraterno e universalista. Afastado do ensino público em Portugal pelo regime salazarista, grande parte da sua obra foi desenvolvida no Brasil, onde fundou diversas Universidades e Centros de Estudos. Da sua vasta obra destaque-se *Sentido histórico das civilizações clássicas* (1929), *Sete cartas a um jovem filósofo* (1945), *Reflexão* (1957), *Um Fernando Pessoa* (1959), *As Aproximações* (1960), *Educação de Portugal* (1989).

ADOLFO CORREIA DA ROCHA, PSEUD. MIGUEL TORGA. Nasceu em S. Martinho de Anta, concelho de Sabrosa, em 1907, e faleceu em Coimbra, em 1995. Médico e escritor, adoptou o pseudónimo de Miguel Torga, assumindo as suas raízes transmontano-durienses. Ele próprio escreveu: «... eu sou quem sou. Torga é uma planta transmontana, urze campestre, cor de vinho, com as raízes muito agarradas e duras, metidas entre as rochas. Assim como eu sou duro e tenho raízes em rochas duras, rígidas, Miguel Torga é um nome ibérico, característico da nossa península...».

Concluída a 4^a classe o pai deu-lhe a escolher: ou o seminário de Lamego ou Brasil. Escolheu Lamego, mas só lá ficou um ano. Trabalhou como caixeiro no Porto durante algum tempo e, aos 13 anos, tentou o Brasil, onde também só permaneceu um ano. Seu tio dispôs-se a fazer dele médico, financiando os estudos, em Coimbra. Aos 24 anos estava formado. Especializou-se em Otorrinolaringologia, exerceu inicialmente clínica geral na sua aldeia, depois em Leiria, cidade de que gostava muito, mas por desejar uma maior proximidade com as tipografias, fixou-se em Coimbra. Torga foi indiscutivelmente um dos mais importantes escritores portugueses do século XX. Ensaísta, dramaturgo, poeta, romancista e diarista, deixou uma vasta obra, em que se destacam os 16 volumes do seu Diário (1941-1993), A Criação do Mundo (1937-1981), Bichos (1940), Contos da Montanha (1941), Vindima (1945), Portugal (1950), Poemas Ibéricos (1965), entre muitas outras. Espírito livre e irredutível a escolas, a sua obra assume um carácter humanista e universalista, sem abandonar as raízes telúricas que o ligaram à terra-natal, valorizando a região do Douro e a terra transmontana a que chamou o «Reino Maravilhosos».



Adolfo Correia da Rocha, pseud. Miguel Torga (1907-1995), 2006.

Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.



José António Ramos-Pinto **Rosas** (-1996), 2006.
Óleo sobre tela, 140 X 100 cm.

JOSÉ ANTÓNIO RAMOS-PINTO ROSAS. Nasceu na Foz do Douro, em 1937, e faleceu no Porto, em 1996. Exportador e viticultor, sempre defendeu que a qualidade de um vinho começava na videira, dedicando-se ao estudo das castas nobres da região do Douro. Em 1974, como administrador da empresa Ramos-Pinto, adquiriu a Quinta de Santa Maria, entre Chãs e Muxagata, no concelho de Vila Nova de Foz Côa, que viria a transformar, com o seu sobrinho João Nicolau de Almeida, numa das primeiras e mais emblemáticas quintas vinhateiras do Douro Superior, rebaptizando-a com o nome de Quinta da Ervamoira. José António Rosas soube aliar a adopção de modernas tecnologias da vinha à defesa do património vitivinícola do Douro e à promoção internacional da região. Quando se fala no Douro e no vinho do Porto, José António Rosas é uma referência incontornável. Ao saber técnico e ao espírito empreendedor juntava um sentido poético da vida, a emoção e a paixão que punha em tudo, a simpatia que irradiava do seu espírito tolerante. Presidiu à Associação de Exportadores do Vinho do Porto, participou em diversos organismos internacionais do sector e foi um dos fundadores da Confraria do Vinho do Porto.

CURRICULUM

Gracinda Marques nasceu em 1951 na Catraia Cimeira, Castelo Branco. Frequentou a E.S.B.A.L.

Viveu em Castelo Branco, Lisboa, Madrid, Paris, Osnabruek, Laum – Marão, Vila Real e Régua. Actualmente vive no Porto. Expõe desde 1966.

Além dos trabalhos em desenho, escultura e pintura, ilustrou obras de outros autores e publicou:

- *“A Minha Casa de Madeira Feita de Pedra” – Assírio & Alvim;*
- *“O Douro De Gracinda Marques” – Museu do Douro;*
- *“Ulix – Vamos Aproveitar o Lixo” – Mensagem 2004;*
- *“Tiorna – memorial do bem-estar” – Afrontamento 2006.*

Exposições Individuais:

1972 – S.E.I.T. - Palácio Foz - Lisboa

1973 – S.E.I.T. - Palácio Foz - Lisboa

1974 – S.E.I.T. - Palácio Foz - Lisboa

1977 – Galeria Grafil - Lisboa

1979 – Casa do Douro - Régua
– Palace Hotel - Vidago

1981 – Galeria Átrio - Vila Real

1983 – Museu Tavares Proença Júnior - Castelo Branco
– Galeria Serra do Marão - Vila Real; c/ edição do álbum de Desenhos “Sabei Por Onde a Luz”

1984 – Abendgalerie - Osnabruek - Alemanha

1988 – Casa do Douro - Régua

1991 – Sociedade Portuguesa de Autores - Lisboa
– Arquivo Distrital - Vila Real

1994 – Instituto Vinho do Porto - Régua

1997 – Galeria Municipal de Caminha; c/edição do Álbum “Tem Tantas Histórias a Minha Casa”

1999 – Galeria Municipal – Tavira

1999 – Sociedade Portuguesa de Autores – Lisboa e Porto

2001 – Museu do Douro, exposição de Homenagem a José António Rosas: “O Douro de Gracinda Marques”, Vila Nova de Foz Côa, - Trevões, S. João da Pesqueira, Museu de Lamego – Lamego e Casa das Artes - Porto. Douro Roteiro Sentimental, Casa do Douro - Régua, Ler Devagar – Lisboa e Garfos e Letras - Porto

2006 – “Arvores na Árvore” – Cooperativa Árvore – Porto

Exposições Colectivas:

- 1966 – Primeiros Jogos Florais - Castelo Branco
- 1969 – Exposição Colectiva do Estúdio Juvenil de Artes Plásticas - Castelo Branco
- 1970 – Primeira Exposição Colectiva ao Ar Livre - Castelo Branco
 - Exposição Alfa - Peniche
- 1971 – XVII Salão de Outono - Junta de Turismo da Costa do Sol - Estoril
 - XVII Salão de Primavera - Junta de Turismo da Costa do Sol - Estoril
 - V Bienal Internacional de Arte - Ibiza
 - Exposição da Associação Internacional dos Críticos de Arte
 - Sociedade Nacional de Belas Artes - Lisboa
 - Exposição de Arte Moderna Portuguesa - Lourenço Marques
 - Exposição da S.P.A.C. (Sociedade Portuguesa de Arte Contemporânea) - Luanda
 - XVIII Salão de Outono - Junta de Turismo da Costa do Sol - Estoril
- 1973 – IV Bienal Internacional do Desporto nas Belas Artes - Madrid
 - XIX Salão de Outono - Junta de Turismo da Costa do Sol - Estoril
- 1974 – XIII Prémio Internacional Dibuix Joan Miró - Barcelona e Fundação Calouste Gulbenkian - Lisboa
 - XIX Salão da Primavera - Junta de Turismo da Costa do Sol - Estoril
- 1976 – XV Prémio Internacional Dibuix Miró - Barcelona
- 1977 – XVI Prémio Internacional Dibuix Joan Miró - Barcelona
- 1978 – Exposição Nordeste - Alijó, Vila Real, Chaves, Régua, Lamego, Bragança e Castelo Branco
- 1979 – XVIII Prémio Internacional Dibuix Joan Miró - Barcelona
- 1980 – Prémio de Cartelles Joan Prats - Barcelona
 - Salão de Outono - Galeria de Arte do Casino Estoril - Estoril
- 1981 – Salão de Primavera - Galeria de Arte do Casino Estoril - Estoril
 - XX Prémio Internacional Dibuix Joan Miró - Barcelona e Vila Real
- 1982 – Artistas Plásticos de Trás-os-Montes e Alto Douro - Galeria de Arte do Casino Estoril - Estoril
 - XXI Prémio Internacional Dibuix Joan Miró - Barcelona
- 1983 – Artistas da Beira Baixa - Castelo Branco
- 1984 – Exposição a Favor dos Artistas Moçambicanos - Galeria de Arte do Casino Estoril - Estoril
 - Vilas e Aldeias de Portugal - V Salão de Outono - Galeria de Arte do Casino Estoril - Estoril

- 1985 – Homenagem a João de Araújo Correia - Galeria Átrio - Vila Real
1986 – Castelos de Portugal - Galeria de Arte do Casino Estoril - Estoril
– Colectiva Integrada no Primeiro Congresso do Rio Douro - Vila Nova de Gaia
– III Exposição de Artes Plásticas - Fundação Calouste Gulbenkian - Lisboa
– Colectiva Integrada nas Jornadas da Educação - Vila Real
– VII Salão de Outono - Galeria de Arte do Casino Estoril - Estoril
1989 – O Porto e Outras Terras do Norte - Exponor - Porto
1990 – O Norte na Pintura - Exponor - Porto
1992 – PORTARTE - II Exposição Internacional de Pintura - Portimão
1993 – 24 Artistas Transmontanos - Alfândega da Fé
– V Bienal de Escultura e Desenho - Caldas da Rainha
2001 – I Feria Internacional del Vino - Cádiz.
2003 – SACHE - Porto
2006 – Pelo Douro – Alfândega da Fé, Murça, Vila Flor e Lamego.

Prémios:

- 1967 – Menção Honrosa em Desenho - I Jogos Florais - Castelo Branco
1974 – 1º Prémio em Desenho, XIX Salão de Primavera - Estoril
– 2º Prémio do Salão, XIX Salão de Primavera - Estoril
1979 – Menção Honrosa XVIII Premi Internacional Dibux Joan Miró - Barcelona
1980 – Menção Honrosa em Desenho, Salão de Outono - Estoril
1981 – Menção Honrosa em Desenho, Salão da Primavera – Estoril.

250

REGIÃO
DEMARCADA
DO DOURO
1756 • 2006



Projecto co-financiado por:



União Europeia

Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional

Jornal Oficial:



Apoios:

TOYOTA

mds
corretor de seguros
e gestão de riscos

